

A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA NEOPENTECOSTAL E O LUGAR DO AMOR E DA RELIGIOSIDADE NA RELAÇÃO CONJUGAL

PATRÍCIA BRANDÃO AMORIM¹, DANIEL RODRIGUES SILVA¹

¹ Doutoranda em Saúde Pública pela Universidad America (Paraguai), Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade (UNEC), professor no Centro Universitário de Caratinga (UNEC). brandaoamorim@hotmail.com

² Doutor em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), professor no Centro Universitário de Caratinga (UNEC). danfarma@bol.com.br

RESUMO

O presente estudo procura compreender a relação existente entre sexualidade e a religiosidade na relação conjugal de mulheres evangélicas de uma igreja com denominação neopentecostal da zona rural do Município de Lajinha/MG. Observam-se as práticas adotadas pelo grupo através dos comportamentos e normas sociais adotadas sobre a sexualidade das mulheres rurais e a possível influência da religião na conduta pessoal e íntima de suas adeptas. Trata-se de um estudo de caso realizado com mulheres de idades compreendidas entre 18 e 60 anos. Neste universo, estão envolvidas 211 mulheres que frequentam a igreja, incluindo batizadas, não batizadas e as frequentadoras eventuais. Para a pesquisa, aplicou-se a metodologia qualitativa, momento em que foram feitas observações participantes e entrevistas com um roteiro semiestruturado. As entrevistadas trazem consigo evidências de conflitos e ambiguidades em suas trajetórias sexuais, em que se pode observar a influência de mitos e crenças provenientes de uma rígida educação familiar influenciando fortemente em seu modo de vida atual. Observou-se que a religião atua efetivamente no casamento e na vida conjugal das mulheres. As mulheres têm orientação e auxílio e recorrem à igreja quando se deparam com algum problema familiar importante de difícil resolução para elas, obtendo, na igreja, o alicerce que lhes dá força para enfrentar os dissabores do casamento, como por exemplo, o adultério. Os conceitos de amor e sexo são reelaborados de acordo com as orientações religiosas de forma a ordenar uma identidade que busque traduzir uma personalidade equilibrada e íntegra de acordo com o que preconiza a denominação em estudo.

Palavras-chave: Sexualidade; Religiosidade; Casamento; Igreja; Família.

THE NEOPENTECOSTAL CONTEMPORARY FAMILY AND THE PLACE OF LOVE AND RELIGIOUSITY IN THE CONJUGAL RELATIONSHIP

ABSTRACT

There is an existing relationship between sexuality and religiosity in the conjugal relationship of evangelical women of a church with neopentecostal denomination rural area of the Municipality of Lajinha / MG. To observe the practices adopted by the group through the behaviors and social norms adopted on the sexuality of the women in the world and the influence of the religion in the personal and intimate conduct of its adherents. This is a case study of women aged between 18 and 60 years. A world that is involved 211 women attending a church, including baptized, unbaptized and as occasional attendees. For an application application, which is quantitative and qualitative, can be consulted and interviewed with a semi-structured script. Interviews can be influenced by conflicts and ambiguities in their ethnic relations, where one can observe the influence of myths and the beliefs attached to conditioned education in their current way of life. Observe the religion and conjugal life of women. Women are guided and helped, and they turn to the church when they encounter some problem that is important for solving problems for them, obtaining in the church the foundation that gives them strength to face the difficulties of marriage, such as adultery . The concepts of love and sex are re-elaborated according to the religious orientations of an identity organization that seeks a balanced and complete understanding according to what a denomination in study advocates.

Keywords: sexuality, religiosity, marriage, church, family

1 INTRODUÇÃO

A moralidade familiar e sexual tem sido uma fonte de preocupação em inúmeros movimentos religiosos. Observa-se que as grandes tradições religiosas, a cristã, tanto católica como protestante, ou islâmica e ainda judaica, especialmente seus grupos mais fundamentalistas, compartilham de uma avaliação negativa dos valores da cultura moderna contemporânea, que são vistos como responsáveis pela atual forma de convivência familiar (MARIZ, 2004).

A passagem do século XX para o XXI marca uma nova era, que surge com uma série de transformações; surgem novos conceitos de família que invocam novas propostas sociais, trazendo para a sociedade contemporânea mudanças aceleradas; novos valores surgem na pós-modernidade, em que a ortodoxia dos costumes relacionados à moral e às tradições de nossos antepassados não prevalece mais numa sociedade democrática, que tem como regra fundamental: "é proibido proibir" (DANTAS, 2010). As modificações das estruturas sociais ocorrem a partir da mutação do conceito família que passa a influenciar a convivência familiar e matrimonial no Brasil.

Podemos destacar alguns fatores fundamentais que contribuíram para a nova estrutura familiar brasileira. Começou com a pós-industrialização, que gerou uma sociedade pós-moderna, na qual o homem e a mulher defrontam-se com uma nova realidade, que envolve, de um lado, a liberdade ética e moral, em que os padrões são determinados pelo livre arbítrio e a necessidade da satisfação do desejo, e do outro, uma vida ativa na qual os ideais são voltados para o capital, o poder financeiro, necessidade de sobrevivência, consumo e realização pessoal (GABATZ, 2018).

A partir da industrialização, tanto o homem quanto a mulher precisam trabalhar para conseguir suprir suas necessidades financeiras e o que sobra de tempo não é suficiente para aprofundar a intimidade da família, gerando dentro do lar uma individualidade entre seus membros.

Importantes modificações em certas tradições e costumes no seio familiar estão sendo observadas, assim como adaptações aos novos padrões, como é o caso do casamento e da religião.

Acredita-se que o fator fundamental para a continuidade do matrimônio como instituição no século presente está intimamente ligada à religião cristã, que reúne, em sua maioria de adeptos, pessoas de classe baixa, que não se adaptam às ideias das elites e do poder capitalista e consumista; tendo, nos padrões morais herdados de seus antepassados, na fé e nos ensinamentos bíblicos, os seus alicerces contra as novas tendências da sociedade moderna.

A família tradicional brasileira, conclui Nunes (2012), é regida por leis civis e religiosas, denominada família patriarcal. Pelo seu aspecto de poder relacionado à figura paterna, sofre um duro golpe com o desenvolvimento industrial urbano e a abertura para o consumo, que abrem um caminho para uma nova inserção da mulher na sociedade, na qual ela depende cada vez menos do marido, passando a ocupar um lugar no mercado de trabalho, disputando cada vez mais com o sexo oposto a hegemonia do lar, desvinculando-se gradativamente da obrigatoriedade do cuidado dos filhos.

Em função disso, o pai teve seu poder dividido com a esposa e limitado à menoridade do filho. Perde aí, neste ato de lei, parcela importante do poder, e vemos a mãe e os filhos terem seu poder aumentado no seio da família. Muda-se o jogo de forças no cenário da filiação (DA CRUZ, 2011).

A família tradicional, composta de pai, mãe e filhos formados a partir do matrimônio, representava uma instituição sagrada e sólida, fundamentada em princípios históricos, morais e religiosos herdados dos nossos pais.

Com a evolução do aspecto legal, segundo Neto (2016), a união monogâmica, que representa a visão cristã de família e casamento sofre a interferência dos modelos modernos de uniões, agora legitimados pelas autoridades que representam à vontade do povo.

Para o autor, a tradição sobrevive, pois sua base religiosa persiste, mas agora divide espaço com novas formas de convivência, que forçaram alterações no aspecto legal e social, interferindo sensivelmente nas estruturas familiares históricas. Toda essa diversidade de opções se transforma num importante instrumento de análise para estabelecer um parâmetro em relação à continuidade da instituição casamento e as novas modalidades de constituição familiar e conjugal.

O casamento ainda é uma opção para muitos, principalmente, para aqueles que pautam sua conduta em princípios religiosos e tradições familiares, mas já não é um padrão absoluto, pois novos arranjos surgiram, frutos da modernidade e das influências externas que alteram a definição de família (DA CRUZ, 2011).

Hoje, a família tradicional com vários filhos não é a única maneira de conviver intimamente dentro da sociedade. Ao lado dela, há solteiros que não se querem casar; há casais em uniões não oficializadas; há experiências de convivências extramatrimoniais; há divorciados que convivem com solteiros e outros divorciados que convivem com divorciados; há casais que, de antemão, não querem filhos ou que, no máximo, querem um; há mulheres solteiras que não querem casar, mas que têm filhos e outras mulheres que sustentam família enquanto o marido fica desempregado ou desaparece. E assim por diante (BLANK, 2006).

O presente estudo teve como objetivo analisar o comportamento da família contemporânea neopentecostal rural de um município mineiro a respeito da relação de amor e religiosidade na relação conjugal vivenciados sob o ponto de vista feminino.

A sexualidade da população feminina rural do Estado de Minas Gerais ainda não foi estudada, sendo o nosso estudo um microcosmo dessa realidade. Tem-se acesso a alguns estudos comparativos entre sexualidade das mulheres pentecostais e carismáticas, ou estudos exclusivos da sexualidade das batistas, católicas ou iurdianas

(Igreja Universal do Reino de Deus), mas todos relacionados aos grandes centros urbanos, podendo citar, entre esses estudos, Bampi (2001), Couto (2002), Machado (1996), Mariz (2004), Nicolau (2001), Pimentel (2005), Rodrigues (2003) e Neri (2005) dentre outros.

Acredita-se que saber como se dá o movimento das mulheres para a manutenção do seu dia-a-dia é imprescindível para compreender quais os tipos de respostas são oferecidos às mulheres através da religião e da igreja, no que diz respeito às suas ações no enfrentamento dos dilemas do seu cotidiano em busca do convívio com seu parceiro e do prazer sexual.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo de caso realizado com mulheres de idades compreendidas entre 18 e 60 anos de uma igreja neopentecostal localizada na zona rural do município de Lajinha (região sudeste de Minas Gerais). O município se estende por 431,9 km² e contava com 19 616 habitantes no último censo. De acordo com informações colhidas através do site do IBGE e na Prefeitura Municipal de Lajinha, conclui-se que, atualmente, o município destaca-se com pequenas e médias propriedades rurais, com predominância de plantações de café e em menor relevância banana, laranja e maracujá, e a pecuária de criação extensiva (IBGE, 2018). A economia do município se restringe aos hortifrutigranjeiros, não existindo nenhum outro indicador econômico relevante. Neste universo, estão envolvidas as mulheres que frequentam a igreja (num total de 211), incluindo as batizadas, as não batizadas e as frequentadoras eventuais. Para a pesquisa realizada no trabalho de campo, aplica-se a metodologia qualitativa, em que foram feitas observações e entrevistas com um roteiro semiestruturado.

Opta-se em realizar um estudo de caso, cujo método “estudo de caso” está ligado à busca de conhecer o significado e a valorização de ações dentro do contexto sociocultural que explique ou esclareça as questões que se pretendem resolver. Entende-se, ainda, que o estudo de caso constitui uma estratégia de pesquisa apropriada quando se pretende responder questões do tipo “como” ou “porque”, e tem como vantagem permitir o uso de diversas formas de coleta de dados, tais como: a observação

participante, observação direta, entrevistas semiestruturadas, ou de várias fontes de evidências, incluindo documentos, artefatos, dentre outros (ROTHMAN, 1994).

Nesse tipo de entrevista, as respostas do entrevistado servem para levantar novas perguntas que não constam no roteiro e, por isso, é necessário salientar que o roteiro de entrevistas pode, em alguns momentos, não ser utilizado na medida em que se perceba uma demanda diferente por parte do entrevistado. De acordo com Bardin (1977), na entrevista semiestruturada, a pessoa é o centro da atenção, e o entrevistador, numa atitude de empatia, desenvolve-se segundo a lógica do próprio entrevistado, a partir de temas diretamente relacionados ao estudo.

Entretanto, parafraseando Becker (1993), temos que considerar que, pela ampla gama de informações obtidas pelos métodos de coleta de dados, na realização de um estudo de caso, é utópica a proposição de se analisarem, em um único estudo, todos os aspectos existentes, ou mesmo, conseguir percebê-los em sua magnitude. Por isso, estrategicamente, elegem-se pontos de destaque, focando a atenção às questões que se mostraram mais relevantes para o estudo.

Além das entrevistas semiestruturadas, utiliza-se também a observação participante. A observação participante é definida como um processo no qual, a fim de se realizar uma investigação científica, o pesquisador fica face a face com os indivíduos objeto de seu estudo e participa de suas vidas em seu cenário natural, a fim de colher dados (CICOUREL, 1990). Dessa forma, o observador torna-se parte do contexto da observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.

As entrevistas foram realizadas nas residências das mulheres, no decorrer da semana, inclusive aos sábados e domingos, durante os meses de maio, junho e julho de 2017. Foram gravadas de forma a permitir uma análise posterior do conteúdo da conversa, que foi transcrita logo após. Também procurou-se anotar, em um caderno de campo, as observações que obtidas durante as entrevistas. Dentre elas, o contexto em que se deu a entrevista, o conteúdo das mensagens e as reações percebidas no momento do relato. As informações obtidas foram trianguladas e analisadas de forma a permitir traçar padrões de respostas que expressassem as representações individuais e coletivas que surgiram na análise. Também foi utilizada proporção direta com os dados numéricos obtidos nas entrevistas. Os nomes apresentados neste artigo são fictícios de

forma a manter o sigilo sobre a identidade das entrevistadas e estão todos apresentados com nomes que tenham a letra “A” como inicial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os valores que norteavam o modelo familiar histórico, hoje são confrontados com novos modelos e conceitos de família e união estável, modificando profundamente a estrutura vigente em nossa sociedade. O comportamento matrimonial dos brasileiros, nas últimas décadas, alterou-se em alguns aspectos, mantendo-se em outros. Aumentou o número de separações e divórcios, conservou-se o da média das idades ao casar, e o papel das uniões não legalizadas cresceu na preferência das pessoas (BANDINI, 2014).

No presente estudo, as relações de gênero relacionadas à religiosidade das mulheres rurais ajudam a entender os papéis que essas mulheres desempenham tanto no interior da família como também no espaço da igreja.

A tendência de interiorização ou subjetivação das escolhas religiosas está estreitamente relacionada ao longo processo de individuação dos atores sociais nas sociedades modernas e pós-modernas. Na literatura socioantropológica brasileira, existe o consenso de que a expansão do pentecostalismo é uma expressão dessa tendência nas camadas populares. Afinal, a decisão de tornar-se pentecostal em uma sociedade majoritariamente católica exprime não só uma opção consciente e deliberada do indivíduo, mas também uma tensão entre este e o mundo social mais amplo.

Dito de outra maneira, a adesão ao pentecostalismo representa uma ruptura com as expectativas sociais e simultaneamente um corte na própria biografia do indivíduo. A perspectiva de gênero leva o pesquisador a acrescentar que a opção de ingressar nesse movimento religioso resulta de experiências bastante diferenciadas dos homens e das mulheres e pode produzir modificações nas relações de gênero (ALMEIDA e SILVA, 2014).

Tais diferenças de gênero têm sido explicadas devido ao fato de que as histórias de conversão masculinas revelam situações de desemprego, dificuldades financeiras e problemas pessoais ou de saúde nas justificativas para a adesão religiosa ao pentecostalismo; já para as mulheres, quase sempre, associam suas escolhas religiosas

com as desavenças familiares e as necessidades – materiais e espirituais – do grupo doméstico.

O pentecostalismo serve aos interesses práticos das mulheres, já que, por meio dele, elas podem “domesticar seus cônjuges”; que, uma vez convertidos, abandonam o consumo da bebida alcoólica, a busca por outras mulheres e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas (OLIVIERA FILHO, 2012).

Uma das entrevistadas apresentou esta justificativa para modificar sua opção religiosa:

Eu era católica desde criança, a família do meu marido é da igreja. Aí a primeira vez que fui à igreja a gente estava separado e eu queria a todo custo reatar meu casamento. Eu fui por ele, pra ver se Deus melhorava nossa vida. Era muita bebedeira, não tinha dinheiro pra nada. Nem tempo pra nós, da família. (Alba, 26 anos, casada, do lar).

O pentecostalismo, de acordo com Neto (2015), vem enfatizar os valores associados à subjetividade feminina, mas tal fato não deve ser interpretado como um simples reforço à submissão das mulheres, uma vez que esses princípios, bem como os constrangimentos à sexualidade, são extensivos aos homens da comunidade. Ou seja, o pentecostalismo combate a identidade masculina predominante na sociedade brasileira, estimulando nos homens que aderem ao movimento as formas de conduta e as qualidades tradicionalmente alocadas ao gênero feminino. Assim como as mulheres, estes devem ser dóceis, tolerantes, carinhosos, cuidadosos *etc.*, levando uma vida ascética regida por uma moral sexual rígida. Além disso, espera-se que eles se preocupem com o bem-estar da família, dedicando-se mais à educação e ao acompanhamento dos filhos.

Tais expectativas revelam uma reconfiguração da subjetividade masculina, criando a possibilidade de arranjos familiares mais igualitários. Esses processos têm sido interpretados como tendências à “domesticação dos homens pentecostais” ou à “androgenização” das famílias populares.

Pode-se observar que as mulheres têm papel fundamental na reprodução social do grupo familiar, principalmente na agricultura familiar. Por outro lado, elas são mais facilmente co-optadas pelas igrejas, tornando-se o seu público alvo, assim como as crianças. São elas que fazem a ligação entre os dois universos (sagrado e profano), principalmente quando tomam para si a responsabilidade das enfermidades físicas e psicológicas da família.

São as mulheres que, geralmente, ocupam-se de orar pelo alcoolismo do marido, pela prostituição de uma filha, pelo desemprego de algum membro da família, além das doenças físico-biológicas (SILVA PIMENTEL, 2005). Também cabe às mulheres a limpeza da igreja, a organização dos cultos, o cuidado com as crianças e os doentes. Com toda essa participação efetiva na “obra”, as mulheres acabam por tornarem-se obreiras, dividindo a atenção da sua casa com as atividades da igreja. É importante lembrar que as mulheres evangélicas de Lajinha são mulheres rurais ligadas à agricultura familiar. Assim, além das atividades da casa e da igreja, essas mulheres desempenham atividades de produção agrícola ao lado de familiares. São essas questões que orientam nossa discussão a seguir.

Albuquerque Maranhão Filho (2012) afirma que as biografias das pessoas vêm sendo modeladas com oportunidades e fatalidades que acontecem ao longo de suas vidas, promovendo uma modificação das configurações familiares devido ao efeito de vários acontecimentos: viuvez, falecimento dos filhos, opção por morar sozinho e não ter filhos, ter filhos e não se casar, separar-se do cônjuge e ter a guarda dos filhos, retornar para a casa dos pais com os filhos, ou morar sozinha e os filhos irem morar com os avós devido a separação dos pais. Ou ainda, se a pessoa for mais velha, pode morar sozinha, pois os filhos já estão crescidos e foram embora constituir suas famílias ou estudar fora.

Uma das entrevistadas conta sua experiência sobre seus dois casamentos (o antigo e o atual):

Eu casei novinha demais, não sabia de nada. Foi mais porque meus pais queriam, eu tinha quinze anos. Nem pude falar não. Eles falaram que tava na hora, que era pro meu bem... Tive seis filhos com meu primeiro marido. Mas ele era muito ruim pra mim, deixava a gente sem dinheiro, sem comida em casa... não dava atenção pra mim nem pros meninos. Aí eu resolvi largar tudo e vir embora pra cá. Casei de novo. A minha vida é um céu. Meu marido também já foi casado, eu gosto muito dos filhos dele, que moram aqui pertinho. Ele faz tudo pra mim. Agradeço a Deus todo dia por esta outra oportunidade. Se eu não tivesse casado de novo, ia ficar pensando que casamento é aquela coisa ruim (Ágata, 51 anos, divorciada, do lar).

Percebe-se, entre as mulheres entrevistadas, que o modelo predominante de casamento é aquele realizado na igreja, com a bênção do pastor, sendo uma maneira de mostrar e dar satisfação para a sociedade sobre a alteração do estado civil, fortalecendo também a ideia tradicional de família.

A presença de um homem dentro de casa, segundo elas, “mostra que aquele lar é de respeito”. Dentre as entrevistadas, 69,4% são casadas, 13,9% divorciadas, 8,4% solteiras, 5,6% “moram junto” e 2,7% são viúvas. Uma delas comenta sobre a importância do casamento:

Minha mãe sempre falava: casa que tem cueca de homem pendurada no varal é outra coisa. É o homem que é o chefe. Todo mundo tem respeito. Os filhos andam na linha. Eu acho que família é assim, tem que estar todo mundo junto. Só mesmo quando Deus não quiser mais é que acaba. Mas, enquanto a gente estiver aqui, tem que agüentar, vai levando a vida” (Adália, 49 anos, casada, do lar).

As camadas médias constituem o segmento da sociedade mais susceptível às mudanças no padrão familiar dominante entre nós, que é o modelo patriarcal, afirma Gabatz (2016). Em contraposição, os grupos populares se revelam mais apegados aos elementos tradicionais. Para o autor, a ideologia pentecostal está centrada na igualdade espiritual e acaba rompendo com o padrão machista dentro da família, provocando mudanças e redefinindo a participação do homem e da mulher na esfera privada e colocando a casa e a família no centro da vida dos dois.

Vieira (2016) afirma que a proliferação das uniões estáveis na sociedade brasileira contribuiu sensivelmente para a redução do número de matrimônios (casamento oficializado), principalmente, a partir do seu reconhecimento através da Constituição Federal de 1988, que, no artigo 226, parágrafo terceiro, diz: "Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar a sua conversão em casamento" (BRASIL, 1988, *online*)

Para o autor, atualmente não há distinção legal entre união estável e casamento, a família ganha uma nova conotação, independente da vontade da igreja cristã que não reconhece tal união, pois fere os ensinamentos religiosos e a doutrina eclesial que consideram tal convivência como um ato de fornicação e, em alguns casos, de prostituição, segundo os ditames bíblicos, apontando assim para um distanciamento entre o discurso oficial das igrejas cristãs e as práticas conjugais dos fiéis. A entrevistada abaixo comenta sobre isso:

Meu primeiro casamento foi na igreja, tudo certinho como manda o figurino. E não deu certo. Mas é nesse casamento atual que eu sinto Deus. É aqui que

tem paz. Eu sou esposa do meu marido e ele é meu esposo. Tem gente que fala que a gente é amante. Eu acho isso horrível. Aqui dentro de casa tem amor, tem respeito. Diante dos olhos de Deus, a gente é casado sim, não precisa de papel". (Ágata, 51 anos, divorciada, do lar).

O "amor" agora tem duração determinada pelo desejo de satisfação do ego pessoal e está vinculado à vontade de ficar ou não, podendo ser trocado por uma nova relação, que implica nova oportunidade e assim por diante. São permitidas várias experiências (BESSA, 2006).

Um dos principais motivos para a manutenção de uma relação conjugal insatisfatória está na dependência financeira. Uma mulher comenta sobre a importância da independência financeira feminina para evitar a submissão ao marido:

Hoje em dia os casamentos são mais livres, a mulher é menos dependente, tem mais voz ativa dentro de casa. Antes elas ficavam muito à mercê do marido, porque era ele que tinha o dinheiro e era uma vergonha ser separada, ter que voltar pra casa dos pais. Agente podendo trabalhar e ter nosso salário, falamos de igual pra igual com eles. Se não der certo tudo bem, separa. Não precisa mais ficar engolindo sapo de homem (Aline, 26 anos, solteira, professora).

A questão do "amor", as formas que ele assume num relacionamento conjugal, são fundamentais para entender as transformações atuais na organização familiar. Kreher e Guareschi (2017) declaram que o amor romântico, desde sua origem, suscita a questão da intimidade e supõe uma comunicação psíquica, um encontro que tem um caráter reparador. Já o relacionamento conjugal, vem preencher um vazio que o indivíduo, muitas vezes, sequer reconhece, e a relação amorosa se instala a partir daí, e o indivíduo fragmentado sente-se inteiro. Sobre o amor, as mulheres opinam:

Amor é a sinceridade um com o outro, companheirismo, respeito. Um sentimento sincero um com o outro. O amor suporta tudo, todas as pedras e espinhos no caminho (Alessandra, 27 anos, solteira, lojista).

Amor é quando a gente vive bem, todo mundo unido e bem, sem desavença. Tem gente que acha que ficar agarrado é amor. E não é. Às vezes a aparência não é o que vive (Andréa, 49 anos, solteira, do lar).

Na visão Rousseau, o amor apaixonado se baseia na edificação da família, que é coluna da sociedade. Dessa forma, o ideal de amor romântico associa a sexualidade

natural do homem ao amor e ao casamento, sugerindo um amor mútuo e indissolúvel, no qual a finalidade derradeira é a felicidade. O amor romântico unifica a natureza humana com os objetivos da sociedade política, pondo as paixões a serviço da comunidade e da vida pública. O amor deve ser único e eterno para afiançar a harmonia da família e levar adiante o projeto político (ROUSSEAU *apud* LEJARRAGA, 2005).

No casamento contemporâneo, há a tendência de fragmentação dos ideais do amor romântico, sobretudo pela pressão da autonomia feminina e da emancipação da mulher. Nesta conjugabilidade contemporânea, as categorias de "para sempre e único" do amor romântico, não mais prevalecem (SILVEIRA, 2011).

As mulheres têm esta consciência e falam da importância do amor associado ao respeito:

Respeito manda muito. Dedicção um pelo outro, companheirismo. Às vezes você pode até amar, mas se faltar estas coisas fica difícil conviver junto (Adriana, 38 anos, casada, do lar).

Amor é um carinho, compartilhar as coisas juntos, dividir as coisas da vida: os Ricos e baixos, como diz minha mãe. É ter respeito, ter fidelidade, ter paciência. Se não tiver isso não é amor, aí não dá certo. (Aída, 21 anos, casada, do lar).

O amor é vivido no dia-a-dia. Tem hora que você resolve engolir a pessoa e aí você pára um pouquinho e resolve tolerar. Amor é querer a mesma pessoa todos os dias. É um misto de amizade, companheirismo. Se houver só o amor louco, na primeira crise você chuta o balde (Aline, 26 anos, solteira, professora).

O sentido que essas mulheres atribuem ao amor está relacionado às suas experiências religiosas, em que se prega o amor ligado a fidelidade, companheirismo, dedicação mútua, amizade, mas que, na falta desses atributos, podem levar a separação, inclusive com o apoio dos "irmãos", mesmo que oficialmente a separação seja algo não aceito pela doutrina cristã (VERGARA, 2011).

As experiências anteriores familiares também ajudam a moldar o sentido dos afetos e o modelo de união. Algumas mulheres, baseadas no relacionamento que os pais tiveram, buscam em seus casamentos os mesmos elos e afeições que presenciaram durante a infância e adolescência entre seus progenitores:

Às vezes eu fico pensando sobre meu casamento: não sei, pode ser egoísmo meu. Mas eu fui criada na roça, meus pais eram muito amigos. Um não ficava sem o outro de jeito nenhum, era um amor que não tinha fim. Eu queria que no meu casamento fosse assim também, que tivesse esse carinho,

mas eu não consigo. Meu marido não tem tempo pra mim. Eu sei que ele me ama, e eu o amo também. Mas aquele amor, que eu queria que existisse não tem. Eu ainda quero viver este grande amor (Alda, 36 anos, casada, do lar).

Para Franco e Pinezi (2015), o "amor confluyente" é aquele que prevê uma equidade na troca de afetos se desenvolvendo a partir da intimidade. Ele vem conceituar o laço conjugal como "relacionamento puro" uma que este só se sustenta se puder proporcionar satisfação aos dois parceiros, como apresentado a seguir:

Se um casal vive bem, eu penso que o sexo é uma forma de satisfazer um ao outro. É o ponto máximo de uma relação, somatória da convivência (Alda, 36 anos, casada, do lar).

A prova do amor é o sexo. É gostoso demais, mas tem que estar do lado da pessoa que você gosta. Senão fica parecendo um robô (Adalgisa, 56 anos, casada, missionária).

As uniões livres deram uma nova dinâmica na vida de pessoas interessadas em formar uma família sem interferência do Estado, da igreja e da religião. Nos arranjos contemporâneos, a escolha dos parceiros é da ordem do privado, um contrato entre dois, independentemente do sexo, em que são negociados os papéis e a duração é condicionada; em contrapartida, o casamento ainda funciona como uma instituição de ordem pública, na qual o Estado ainda exerce um papel de tutela e controle institucional, junto com a Igreja, que interfere positivamente, quando o casal deseja prosseguir a vida conjugal seguindo os antigos padrões religiosos, morais e legais da sociedade, ou, como gostam de chamar os pesquisadores da área de família, o modelo tradicional (CORDOVIL, 2014).

O casamento, de acordo com Butler (2015), é valorizado na sociedade moderna através da oportunidade de escolha, de acordo com o sentimento, um novo viés que é explorado principalmente por aqueles que querem optar por um modelo tradicional equilibrado, agora ajustado às novas realidades. Na opinião de Blank (2006), o casamento está vivo e ativo na sociedade, agora com uma nova dinâmica na qual a escolha pelo compromisso entre duas pessoas requer mais responsabilidade diante dos homens e de Deus.

Sobre a maneira antiga de constituição de matrimônio, uma jovem declara:

Eu sonho em me casar na igreja, tudo direitinho. Mas vai ser do meu jeito, com a pessoa certa pra mim. Não vou correr pra casar, como tem gente que eu vejo fazendo. A hora que for, está bom. Vou esperar Deus agir, mandar pra mim a pessoa certa (Amanda, 19 anos, solteira, estudante).

A entrevistada espera contar com o reconhecimento mútuo do amor e também com a ajuda de Deus, demonstrando que, mesmo com todas as transformações que se seguem na relação conjugal, a religiosidade ainda é um ponto de referência para essas mulheres que sonham com o matrimônio, segundo as leis de Deus. Contudo, as experiências dessas mulheres também demonstram que nem sempre a primeira relação conjugal foi a satisfatória e que as experiências anteriores contribuem para uma escolha mais madura:

Eu sou feliz com meu marido assim. O primeiro casamento, que foi na igreja, tudo direitinho, não deu certo. Agora, com este não. Está tudo ótimo. Ele me entende, me respeita, gosta dos meus filhos como se fossem dele, me ajuda a corrigi-los. Só a minha igreja que acha que está errado, mas eu estou feliz desse jeito, não tem nem nada pra melhorar no meu casamento, de tão bom que tá (Ágata, 51 anos, divorciada, do lar).

Apesar de ocorrer um declínio no número de casamentos realizados nos regimes civil e religioso, o número de uniões realizadas somente no civil é muito maior, o que mostra uma queda do prestígio do casamento religioso, principalmente nos centros urbanos. Entretanto, no meio rural, observa-se ainda a valorização do casamento realizado na igreja, principalmente nas localidades que não têm cartório de registro civil. “Apesar de haver muitas restrições aos conceitos de rural e urbano, pode-se dizer que no meio rural, ainda hoje, de cada cem casamentos, dez se realizam só na igreja” (WOODHEAD, 2013).

A lógica leva a aceitar que nem todos se adaptam a um modo de vida em que a responsabilidade é subjetiva e limitada à vontade de permanecer unido ou não. Nesse momento, fica claro que o casamento tradicional não é o grande vilão da história. O casamento encontra, nos ensinamentos da religião cristã, o seu alicerce para manter os padrões tradicionais, que, apesar de reestruturados, não perderam a sua essência e não se misturam com as novas formas de uniões estáveis (PAULA BANDINI, 2015). É o que aponta uma entrevistada:

Casamento é estar sempre junto, vencendo as lutas, suprindo as necessidades do outro, com boa comunicação, numa família feliz, em comunhão com Deus (Amélia, 29 anos, casada, do lar).

Segundo as autoras, a crença em Deus leva o homem e a mulher cristã ao exercício da responsabilidade conjugal que se complementa com a realização matrimonial e o desejo de viver satisfazendo, a si mesmo e ao cônjuge, sem que isto se torne um fardo para suas vidas.

Casamento é conviver bem, respeitar um ao outro, ter a liberdade de chegar e falar qualquer coisa, ser companheiro um do outro em qualquer hora, não importa o que aconteça. Tem é que ter Deus no coração e aceitar tudo o que Ele ensinou. É claro que todo casal discute, mas eu não posso reclamar do meu marido não. Ele é muito participativo nas coisas da casa, preocupado (Aline, 42 anos, casada, do lar).

Casamento é tudo. Como a bíblia diz: digno de honra é o casamento. Mas, depois que a gente casa, tudo muda na vida da gente. A gente passa a não ser mais liberal como antes. E isso no casamento não é muito bom. Eu era muito liberal, saía, ia para as festas.... Aí, dependendo da pessoa que você casa não é tão bom, né? O meu está sendo bom, mas não está ótimo. Mas, está bom. Eu espero que melhore em tudo, principalmente no comportamento do meu marido, que ele passe a gostar de sair mais comigo (Alaíde, 26 anos, casada, do lar).

Casamento é maravilhoso em todas as áreas. Nós não brigamos, somos amigos. Pra mim ele é amigo, pai, esposo, dono de casa. A gente tem unidade, diálogo, compreensão, um entende o outro, sujeita e obedece o outro (Adalgisa, 56 anos, casada, missionária).

Já o adultério, antes condenado legalmente e considerado imoral pela igreja, já é absorvido pela sociedade como uma opção do indivíduo, assim como os relacionamentos homossexuais, sendo essas opções amplamente difundidas na mídia como algo normal, tanto para o homem como para a mulher. Hoje, o indivíduo é livre para escolher como quer se relacionar com o outro e até quando esse relacionamento preenche os seus desejos íntimos (BLANK, 2006).

No Brasil, a prática do adultério já foi capitulada como crime; mas, na atualidade, são poucos os processos penais instalados, sendo frequentemente usado como prova factual para pedidos de divórcio e de indenizações por danos morais em processos cíveis (ASSAD, 2007).

Como exemplo muito comum na denominação religiosa desta localidade, as mulheres vítimas de adultério têm retratado o acontecido com tristeza, mas enfatizam a importante participação da igreja na superação emocional deste problema:

Eu fui à igreja e uma irmã missionária orou por mim. Teve uma visão que o diabo estava preparando uma cilada pra ele cair na prostituição e que era

pra ele fugir enquanto era tempo. Nós fizemos uma campanha e ela acabou largando o esposo dela e indo embora daqui. Como crente, a primeira coisa que a gente tem que fazer é procurar a Deus, não é? Foi o que eu fiz. Eu venci o diabo calada, minha filha... Porque, não era ele quem estava fazendo isso. Era o diabo que estava tentando ele (Adália, 49 anos, casada, do lar).

A igreja me ajudou e me aconselhou. Quando ele me traiu, quase chegamos a separar e através da igreja nós voltamos. Também tivemos problemas financeiros, ele já quis me bater. Eu fui levando, levando, mas tem hora que eu perco a paciência e me espalho. Só Deus me ajuda. O pastor veio, conversou com a gente, colocou Deus em primeiro lugar, pra ajudar a resolver o problema. Falou pra ele não agir desta forma, que as coisas não podiam ser deste jeito. Eu estava querendo me separar, mas ele disse que eu tinha que pensar em mim e nas minhas duas filhas (Ana, 37 anos, casada, do lar).

No primeiro caso, observa-se que a traição do marido é vista pelas mulheres neopentecostais estudadas como algo externo ao homem, uma condição que pode ser resolvida com paciência e oração, pois o ser humano é passível de ser atormentado pelo diabo, figura do mal que pode se apossar das pessoas, fazendo com que elas ajam de forma incoerente com os princípios morais religiosos. O antídoto para o apossamento do mal são os rituais de exorcismo, mas também o apoio da família e dos irmãos da comunidade. Assim, mesmo com o adultério do marido, a mulher é capaz de se manter firme no casamento:

Antes, quando a ex-namorada dele (que mora fora) vinha pra cá ele me traía. Mas não era dele, havia uma macumba feita pra ele e ela exercia um grande domínio sobre ele. Mas ele me confessou tudo depois, pediu perdão, disse que foi deslize. Eu fui orientada pela missionária da igreja a perdoar, pois o mais importante ele já tinha feito, que era confessar. O inimigo estava querendo se levantar pra destruir nosso relacionamento (Alessandra, 27 anos, solteira, lojista).

Quem faz isso é o diabo, e não ele. O diabo usa o corpo dele para satisfazer suas vontades (Alba, 26 anos, casada, do lar).

Nesses casos, a orientação da igreja é para que a mulher pratique o perdão, se possível. Segundo a missionária Adelaide,

A gente tem que perdoar assim: passar uma borracha por cima e fazer como se nada tivesse acontecido: esquecer! Quando a gente aceita Jesus nova pessoa a gente é. Se não perdoarmos o próximo nós não vamos receber o perdão de Deus. Quantas vezes devemos perdoar? Sete vezes? Setenta vezes sete? O amor tudo suporta. Não devemos amar o marido só no amor carnal. Devemos amá-lo no amor de Jesus, como Deus nos ama. Se não perdoarmos o Diabo vai trabalhar em cima para que não fiquemos na presença do Senhor. As coisas passadas, tudo o que vivemos, não podemos deixar entrar na nossa vida espiritual. Elas só nos atrapalham. Quando temos o amor de

Jesus, este amor supera o amor carnal. Quando me separei eu me apeguei ao amor de Jesus. Eu sabia que ele me amava e estava comigo.

Na sua condição de mulher traída que pratica o perdão como a igreja orienta, ela declara:

Eu amo ele, nunca deixei de amar, mas isso não me faz mal. Eu sei que ele está lá, vivendo com a outra. Mas, se Deus trazer ele de volta, eu estou pronta a receber. Mas, se não é do Senhor, se na minha vida não houver lugar pra ele eu vou viver do mesmo jeito. Eu oro por ele e por ela, não sinto nada de ruim por eles. Eu fui uma pessoa que odiou muito na minha vida. Quando aceitei Jesus eu pedi a Deus que me desse um amor que tudo suporta (Adelaide, 47 anos, divorciada, missionária).

Contudo, a prática do perdão também está atrelada as condições econômicas e as questões morais de um modo geral. Uma entrevistada, que foi traída por seu marido, conta de sua necessidade de manter o casamento devido a sua subordinação financeira e do medo que ela tinha de ele expor sua intimidade com outras pessoas:

Ela ficava usando da nossa amizade pra descobrir tudo o que acontecia entre nós e das coisas que ele gostava pra ela poder fazer pra ele também. Quando eu descobri tudo foi muito difícil pra mim, o que me ajudou foi o pessoal da igreja. Eles iam lá em casa, faziam campanha, eu estava muito transtornada. Hoje eu penso que se acontecer de novo eu não vou sofrer. Eu não preciso mais muito dele. Agora eu tenho o meu emprego. Eu preciso é viver a minha vida, criar minha filha. Se ele fizer de novo, deixo ele ir quebrar a cara pra lá. O amor continua, mas fazer o quê, não é? Eu não larguei dele porque ficava pensando: eu me casei com ele, entreguei meu corpo, o que era mais precioso pra mim, que eu tinha. Aí fiquei pensando: o que ele ia falar de mim com os amigos, sujar meu nome na rua... mas agora eu não penso mais assim não (Ana Carla, 24 anos, casada, do lar).

A questão da moral marca profundamente a identidade feminina. Como ressalta Mafra *et. al.* (2012), as mulheres são capazes de manter um casamento com um homem, mesmo que ele não exerça o papel de provedor da família, seja violento, apenas para que a moral familiar não seja questionada. Para uma mulher evangélica, a sua moral é algo que deve ser preservado a qualquer custo.

No caso da mulher ser infiel ao marido, assim como no caso dos homens, é o diabo que é responsabilizado pelo comportamento do traidor, apesar de, simbolicamente, a “fraqueza da carne” fazer parte da identidade feminina. Uma adepta que foi infiel ao esposo, conta:

Hoje em dia ele tem pesadelo. O diabo investe pesado contra ele, porque ele está na obra do Senhor. Ele acorda chorando e lembrando do acontecido, aí via que eu tava ali do lado dele e falava: 'Ah, você está aí, você não foi'. Ele sonha que o outro chega e quer me levar embora. Quem está no trabalho, no amor de Deus é muito difícil. (Abigail, 28 anos, casada, do lar).

Com o crescimento do sentimento religioso e o aumento dos adeptos nas igrejas cristãs, o casamento oficializado continua a ser uma opção natural e permanente, pela qual as pessoas buscam realizar o sonho de encontrar a pessoa ideal para constituir uma família tradicional (NUNES, 2012). O casamento ainda é uma realidade contínua, que tem na religião cristã sua maior aliada frente aos novos modelos de constituição de relacionamentos estáveis. O mundo muda, surgem novas formas de uniões, mas o casamento é uma opção valorizada.

Quanto aos atos de traição, adultério, parecem representar um momento a ser vencido pelo amor, pela dedicação e pela fé. O cristão é sempre alguém tentado pelas “coisas do mundo” e pelas “obras do diabo”. É preciso cultivar continuamente os preceitos religiosos para não cair em tentação. Mas, se isso acontecer, é preciso agir com tolerância.

Entretanto, as transformações da sociedade moderna contribuem para que as mulheres experimentem novos sentidos para a sua condição feminina. Elas já não estão tão passíveis de aceitarem ser subjugadas por seus companheiros, principalmente, se sua condição financeira permite uma autonomia em relação a seu parceiro. Nesse caso, mesmo sendo religiosa, a mulher se vê como cidadã que possui direitos, inclusive, de iniciar num novo relacionamento afetivo.

A igreja seguida pelas adeptas tem participação efetiva no casamento e na vida conjugal das mulheres, orientando e auxiliando quando ocorre algum problema familiar importante. Elas veem, nesta igreja, um alicerce que lhes dá força para enfrentar os dissabores do casamento, como por exemplo, o adultério.

A busca por respostas aos sofrimentos enfrentados na vida, principalmente, na familiar, são fortes motivos para que essas mulheres sejam levadas a uma religiosidade de cunho individual. Contudo, isso não quer dizer que as mudanças que vêm ocorrendo através do pentecostalismo ou neopentecostalismo na cidade aconteçam da mesma forma e na mesma intensidade nos espaços rurais, ainda muito tradicionais. Para Dantas (2006), se o neopentecostalismo está em consonância com a sociedade contemporânea atribuindo maior peso a subjetividade e a individualidade, por outro lado, esses valores

modernos devem ser negociados em cada contexto, podendo inclusive favorecer uma maior equidade de gênero. Neste estudo, observou-se que a religiosidade católica já não exerce tanta influência no meio rural. O crescimento das igrejas evangélicas marca todo cenário brasileiro, mesmo naqueles redutos considerados fortemente católicos como o interior de Minas Gerais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres moradoras da zona rural que são adeptas desta igreja trazem consigo evidências de conflitos e ambiguidades em suas trajetórias sexuais, em que se pode observar a influência de mitos e crenças provenientes de uma rígida educação familiar influenciando fortemente em seu modo de vida atual.

A sexualidade, que é inerente ao ser humano, precisa ser vivenciada de forma prazerosa e responsável, sem preconceitos. Através da educação sexual, ligada aos sentimentos e ao respeito, relacionamentos afetivo-sexuais mais maduros e saudáveis podem ser estabelecidos, nos quais a prevenção, muito além do uso do preservativo, representa o reflexo da autoestima, do cuidado e da responsabilidade que as pessoas devem ter com o próprio corpo e com o outro.

As mulheres, diante do que foi exposto, necessitam de abertura para se colocar diante das questões que abordam sua sexualidade. O acolhimento e o contexto familiar são de grande importância para o seu desenvolvimento pleno e saudável, uma vez que ainda há informação e conhecimentos inadequados em termos de espaços de diálogo e discussão das dúvidas e inseguranças das mulheres, seja na família, na escola, na igreja ou em qualquer outro lugar.

Na procura pelo prazer sexual, há recuos, temores, influência de mitos e crenças, empreendimentos e contradições. Observam-se as evidências de conflitos e ambiguidades, mas também adequações e remodelamentos de comportamentos entre as gerações, principalmente após a conquista da liberdade sexual que foi conquistada através do advento da pílula, em que a ideia de prazer sexual estava ligada obrigatoriamente à procriação.

Muitas mulheres não têm orientação acerca de sua sexualidade, sendo somente guiadas a servir o marido quando este assim quiser. Com isso, elas procuram aproximar

de seu cotidiano, aquele ideal de mulher que lhe foi imposto pela igreja, mas que elas aceitaram no momento da adesão à religião. Tensões e conflitos intrapsíquicos são revelados quando elas falam de sexualidade, vivenciando dúvidas e sentimento de culpa. Há lacunas e distâncias entre o discurso oficial religioso das neopentecostais em questão da relação de sua prática eclesial e a vivência do dia-a-dia das mulheres, evidenciando-se um esforço por parte delas em tentar conciliar a doutrina, a fé e a prática cristã. As orientações religiosas surgem como sombras da primeira socialização, mas vão sendo dissipadas com o esforço racional e emocional que as mulheres realizam a fim de elaborar sua identidade religiosa buscando uma vida sexual mais equilibrada e integrada à sua personalidade, reelaborando seus conceitos de amor e sexo.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de. "**Nós somos a dobradiça da porta**": notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. *Mandrágora*, v. 18, n. 18, p. 81-106, 2012.

ALMEIDA, Vanessa Renata da; SILVA, Cristiane Gonçalves da. **GÊNERO E RELIGIOSIDADE: DECIFRANDO A CONSTRUÇÃO DOS PAPEIS SOCIAIS ENTRE JOVENS DA ÁREA CONTINENTAL DE SÃO VICENTE/SP**. CONEDU – Congresso Nacional de Educação – 18 a 20 de Setembro de 2014. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2014.

ASSAD, Elias Mattar. **Poligamia Constitucional Brasileira**. Disponível em: <<http://www.nossareligiao.com.br/jornaldaliberdade/site-liberdade/forca/forca.htm>> Acesso em: 09 de mar. 2007

BAMPI, Maria Alice Moreira. **Poder, opressão e dependência na construção da subjetividade feminina**. Rio de Janeiro, 2001. Acesso em: 13 nov. 2001.

BANDINI, Claudirene. **Costurando certo por linhas tortas: práticas Femininas em igrejas pentecostais**. Salvador: Pontocom, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 1977.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BESSA, Daniela Borja. **A batalha espiritual e o erotismo**. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 39-49, 2006.

BLANK, Renold J. **Ovelha ou Protagonista?** São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL, IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> Acesso em: 04/09/2018.

BUTLER, Judith. **O gênero é uma instituição social mutável e histórica**. Net. IHU On-Line. Entrevista concedida a Revista IHU. Disponível em: < <http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php>, 2006.

CICOUREL, A. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Franco Alves, 1990, pp. 87-121.

COUTO, M. T. **Na trilha do gênero**: observando a trajetória de estudos sobre pentecostalismo e CEBs. Revista Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 10, n. 2, 2002.

CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, gênero e poder: uma análise da participação feminina em políticas públicas para afroreligiosos em Belém, Pará/Sexuality, gender and power: an analysis of the female participation in public policies for afro-religious people in Belém, Pará. PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion, v. 4, n. 2, jul-dez, p. 149-163, 2014.

DANTAS, Bruna Suruguay do Amaral. **Sexualidade e Neopentecostalismo**, Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 3, 2010.

CRUZ, Denise Aparecida Ribeiro. **Famílias restauradas**: casamento e sexualidade na literatura de auto-ajuda e aconselhamento da RCC. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2011/2_sem_2011/denise_aparecida_ribeiro_cruz.pdf

GABATZ, Celso. **As mulheres nas igrejas neopentecostais**: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas. Sociedade e Cultura, v. 19, n. 2, 2016.

GABATZ, Celso. Idiosincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas Igrejas Neopentecostais?. **Revista Pistis&Praxis**: Teologia e Pastoral, v. 10, n. 1, 2018.

KREHER, Rodrigo; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **O caminha com Deus ou dança com o Diabo**: igrejas neopentecostais e o dispositivo da sexualidade. Desidades: revista eletrônica de divulgação científica da infância e da juventude. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013-. Vol. 5, n. 17, out./dez. 2017, p. 23-34, 2017.

DA SILVA PIMENTEL, Fernanda. *Psiquê nos Domínios do Demônio—um olhar sobre a relação entre exorcismo e cura em um grupo de mulheres fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.* **Revista de Estudos da Religião**, v. 2, 2005.

FRANCO, Clarissa. PINEZI, Ana Keila Mosca. **Revista Último Andar**, n. 26, p. 006-016.

MACHADO, Maria Das Dores Campos. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O Projeto Pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.

MARIZ, Cecília L. **Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?** Rio de Janeiro: Departamento de Ciências Sociais/ IFCH/UERJ, 2004.

NÉRI, Marcelo. A ética católica e o espírito da revolução feminina. **Revista Conjuntura Econômica**. Maio 2005.

NETO, Ana Luíza Gouvêa. **Nacapa e por dentro: uma análise sócio histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas.** 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. **Revista Estudos Sociológicos**, Araraquara, v.18, n.34, p.77-100, jan./jun. 2013.

NETO, Ana Luíza Gouvêa. **Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo.** Numen, v. 18, n. 2, 2016.

NICOLAU, Gina ValbãoStrozzi. **Os Batistas e as Novas Concepções Sobre a Sexualidade Feminina.** Disponível em: <<http://members.tripod.com/bmgil/gvsn14.htm>>. Acesso em: 10 set.2005.

NUNES, Ana Paula. **A construção da identidade na mídia neopentecostal: uma análise da Folha Universal.** Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, v. 1, n. 1, 2012.

OLIVEIRA FILHO, Paulo Gilberto de. **A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal do Reino de Deus.** 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012

PAULA BANDINI, Claudirene. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino de Deus. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, 2015.

PIMENTEL, Fernanda da Silva. **Psique nos Domínios do Demônio**: um olhar sobre a relação entre o exorcismo e cura em um grupo de mulheres fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *REVER* – Ano 2005.

RODRIGUES, Cátia S. Lima. Católicas e Femininas: Identidade Religiosa e Sexualidade de Mulheres Católicas Modernas. *Revista de Estudos da Religião*, nº 2/2003/pp.36-55.

ROTHMAN, F. D. O Estudo de Caso como Método Científico de Pesquisa. In: **1º Simpósio de Economia Familiar**, 1994, Viçosa. “Economia Familiar: uma olhada sobre a Família nos anos 90”. Viçosa: Imprensa Universitária, 1994.

SILVEIRA, J. P. Narrativas religiosas e a modernidade tardia: entre a adesão e a rejeição do mundo. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 12 jul. 2011.

VERGARA, Elias Mayer. **Visões religiosas alternativas sobre sexualidade**. Sexualidade e política na América Latina: Histórias, interseções e paradoxos, p. 350-359, 2011.

VIEIRA, Matheus Machado. **Mulheres cristãs, mulheres virtuosas, mulheres ideais**: A representação feminina na literatura de aconselhamento da pastora Sarah Sheeva e da escritora cristã Stormie Omartian. II Simpósio da ABHR – XV Simpósio Nacional da ABHR. História, Gênero e Religião – Violências e Direitos Humanos. 25 a 29 de Julho de 2016.